

Indícios a respeito da gramática não nativa do espanhol a partir da aquisição/aprendizagem da língua por brasileiros de diferentes gerações

Adriana Martins Simões - PG-USP/CNPq

0. Introdução

Neste artigo apresentaremos os resultados obtidos em nossa pesquisa de mestrado (SIMÕES, 2010¹) a respeito da gramática não nativa do espanhol, a partir da aquisição/aprendizagem do objeto pronominal acusativo de 3ª pessoa por aprendizes brasileiros de diferentes gerações. Tivemos como ponto de partida a inversa assimetria entre a gramática do espanhol e do português brasileiro (PB) (GONZÁLEZ, 1994, 1998, 1999, 2001, 2003, 2005, 2008); a mudança e variação linguística ocorrida no PB (DUARTE, 1989; GALVES, 2001; TARALLO, 1993; entre outros); as pesquisas de González (1994) e Yokota (2001, 2007) sobre a aquisição/aprendizagem de espanhol por brasileiros, bem como os resultados de nossa pesquisa anterior (SIMÕES, 2006), da qual se originou nossa hipótese de que os aprendizes de gerações mais jovens teriam sua gramática não nativa mais permeável à gramática adquirida do PB. Nossos dados foram analisados à luz da perspectiva teórica gerativista de aquisição/aprendizagem de língua estrangeira (LE) (GONZÁLEZ, 1994, 1998, 1999, 2001, 2003, 2005; LICERAS, 1996, 1997, 2002, 2003) tendo em vista a concepção biológica de língua e gramática (CHOMSKY, 1981) aliada à concepção social de língua (LABOV, 1994).

Na primeira parte deste artigo abordaremos as diferenças entre o espanhol e o PB; na segunda parte vamos expor o referencial teórico que utilizamos para a análise de nossos dados; na terceira parte apresentaremos nossos dados e a metodologia utilizada e a seguir os resultados de nossa análise e algumas reflexões; e por fim concluiremos com as considerações finais.

1. As gramáticas do espanhol e do PB: o objeto pronominal acusativo e a colocação pronominal

¹ Dissertação de Mestrado orientada pela Profa. Dra. Neide Maia González pelo Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

A partir do século XIX o PB veio passando por um processo de variação e de mudança linguística (DUARTE; 1989; GALVES, 2001; TARALLO, 1993; entre outros) que o diferenciou não apenas do espanhol como também de outras línguas românicas. Entre os fenômenos desse processo, está a perda do clítico acusativo de 3ª pessoa, a ampliação das possibilidades de ocorrência do objeto nulo, o surgimento do pronome lexical em função acusativa, bem como a questão da colocação pronominal.

Sendo assim, o espanhol e o PB apresentam, conforme González (1994, 1998, 1999, 2001, 2003, 2005, 2008), uma inversa assimetria na realização do objeto pronominal, na medida em que o espanhol é uma língua em que o objeto seria preferentemente pleno e sua realização se daria pelo clítico e o PB é uma língua de objeto nulo ou de preenchimento do objeto por pronome tônico.

No caso do clítico, enquanto no espanhol este seria decorrente de aquisição natural, de modo que está presente inclusive na fala de pessoas não escolarizadas (FANJUL, 1999), no PB já não faz parte do processo natural de aquisição, sendo incorporado à gramática dessa língua apenas por intermédio da instrução formal, o que faz com que o seu estatuto seja de periferia marcada (GALVES, 2001; KATO, 2005). Assim, no âmbito do clítico o espanhol e o PB exibiriam não apenas diferenças paramétricas, como também diferenças relacionadas ao estatuto do clítico nas gramáticas nativas de ambas as línguas, uma vez que as sentenças (8) e (9) seriam idênticas apenas aparentemente.

(8) Juan **lo** viu ayer.

(9) O João **o** viu ontem.

Em relação ao objeto nulo, enquanto no espanhol apenas antecedentes [-específicos; -definidos] permitem a ocorrência da categoria vazia (CAMPOS, 1986; FERNÁNDEZ SORIANO, 1999), sem que consideremos outras variedades da língua nas quais o objeto nulo apresenta menos restrições (cf. FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999), no PB o objeto nulo seria possível tanto com antecedente [-animado; -específico] quanto com antecedente [-animado; +específico] e [+animado; -específico], que, conforme Cyrino (1996), consistiriam a inovação do PB, e inclusive poderia ocorrer com referente [+animado; +específico], como se observa em (13). O espanhol e o PB poderiam também apresentar diferenças no que concerne à natureza da categoria vazia. Sendo assim, o objeto nulo poderia configurar-se como

uma variável (CAMPOS, 1986) ou um *pro* (DEMONTE, 1994) no espanhol e um *pro* (GALVES, 2001) ou até mesmo funcionar como um epíteto nulo (KATO, 2002) no PB.

- (10) — ¿Compraste flores?
— Sí, **Ø**/***las** compré.
- (11) — Você comprou flores?
— Comprei **Ø**.
- (12) — ¿Viste a Juan?
— Sí, ***Ø**/**lo** vi.
- (13) — Você viu o João?
— Vi **Ø**.

Quanto ao pronome tônico, no espanhol seria possível em função acusativa apenas em correferência com o clítico quando há a necessidade de estabelecer contraste e com referente [+humano] (GROPPI, 1997). Já no PB, a partir da mudança linguística o pronome tônico passou a ser licenciado como objeto acusativo e, além disso, perdeu a restrição a referente [+humano] (KATO, 2002).

- (14) ***Vi él.**
(15) **Lo vi a él.**
(16) Eu vi **ele**.

No que se refere à colocação pronominal, o espanhol é uma língua que admite a próclise ao auxiliar. Já o PB já não licencia os pronomes em próclise ao auxiliar (CYRINO, 1993; PAGOTTO, 1993), com exceção do clítico acusativo de 3ª pessoa, que não teria sofrido a reanálise. Assim, a forma de colocação pronominal que corresponde à gramática adquirida no PB seria a próclise ao principal, enquanto a próclise ao auxiliar, de acordo com Galves (2001), seria resultado de aprendizagem formal juntamente com o clítico acusativo.

- (17) Juan **me** había dicho que venía hoy.
(18) ***Juan** había **me** dicho que venía hoy.
(19) ***João** **me** tinha dito que vinha hoje.
(20) João tinha **me** dito que vinha hoje.
(21) Ele **o** tinha visto de manhã.
(22) Ele tinha **o** visto de manhã.

2. A teoria de aquisição/aprendizagem de LE

Realizamos a interpretação de nossos dados da gramática não nativa do espanhol e sua aquisição/aprendizagem a partir da perspectiva teórica gerativista de

aquisição de LE (GONZÁLEZ, 1994, 1998, 1999, 2001, 2003, 2005; LICERAS, 1996, 1997, 2002, 2003). A vertente que adotamos dessa teoria foi a que atribui à língua materna (LM) um papel importante no processo de aquisição/aprendizagem de LE. Tendo isso em vista, consideramos que a LM seria a mediadora entre os dados linguísticos da LE e a Gramática Universal (GU).

De acordo com Liceras (1996, 1997, 2002, 2003), o processo de aquisição da LM diferiria do da aquisição da LE. A diferença entre os dois processos seria decorrente de que no primeiro caso a interação entre os dados linguísticos da LM e a GU conduziria à fixação de parâmetros e isso se daria a partir do nível prosódico e fonológico da língua, configurando-se como um procedimento *bottom-up* (de baixo para cima). Já na aquisição da LE, o aprendiz adulto não seria sensível aos desencadeadores que levam à fixação de parâmetros. Sendo assim, o procedimento de aquisição de LE se configuraria como *top-down* (de cima para baixo), o que significa dizer que o acesso à LE seria a partir de estruturas visíveis, que constituem o nível sintático da língua, e que possibilitariam a reestruturação da gramática não nativa com base nos padrões da LM.

3. Os dados e a metodologia

Os dados² de nossa pesquisa consistiram em testes de aceitabilidade que tinham por objetivo captar tanto a intuição não nativa do espanhol quanto a da gramática do PB, apesar de lidarmos também com o PB aprendido, a fim de compará-las e obter indícios a respeito da gramática não nativa. As variáveis dependentes dos testes foram as formas de realização do objeto pronominal acusativo de 3ª pessoa em diferentes contextos semânticos e estruturais e as diferentes formas de colocação pronominal com os pronomes de 1ª e 3ª pessoa. Quanto às variáveis independentes, estas foram os fatores faixa etária (FE1: 12 a 18 anos; FE2: a partir de 50 anos), nível de aprendizagem de ELE (Básico: 100 e 120h/aula; Intermediário: 175 a 280h/aula; e Avançado: 315 a 430h/aula) e instrução em LM (Ensino Fundamental; Ensino Médio; e Ensino Superior).

4. Resultados da análise e reflexões

² A análise dos dados foi realizada a partir da extração da média dos índices de aceitabilidade das variáveis dependentes em relação às variáveis independentes mediante a utilização do pacote estatístico *Statistical Package for the Social Sciences*, SPSS, versão 15.0 para Windows.

Em nossa pesquisa consideramos gramática como uma entidade biológica presente na mente/cérebro humano (CHOMSKY, 1981). Assim, os aprendizes brasileiros de espanhol teriam internalizada a gramática do PB, que constituiria sua língua-l, e o espanhol consistiria em uma outra gramática a ser adquirida/aprendida. Entretanto, a área do PB que é o foco de nosso estudo apresenta uma coexistência de gramáticas, na medida em que o objeto nulo e o pronome tônico corresponderiam à gramática adquirida e o clítico corresponderia à gramática aprendida. Aliada à concepção biológica de língua e gramática, consideramos também a concepção de língua vista como uma entidade social (LABOV, 1994), já que tanto a gramática aprendida do PB quanto a aquisição/aprendizagem do espanhol como LE apresentam a atuação dos fatores sociais.

4.1. O reflexo das gramáticas do PB na gramática não nativa do espanhol

A partir da análise dos testes de aceitabilidade, observamos que a coexistência de gramáticas no PB se manifesta de forma inversa entre as duas gerações de falantes. Assim, enquanto a geração da FE1 apresenta uma maior aceitação do objeto nulo e do pronome tônico, a geração da FE2 apresenta uma maior consolidação do clítico. Essa diferença entre as duas gerações, que reflete o caráter gradual da mudança linguística (LIGHTFOOT, 2006), seria decorrente do processo de escolarização, que no caso da FE1 foi menos permeado pela norma e teve a abordagem da variação linguística e no caso da FE2 foi pautado exclusivamente pela gramática normativa.

Essa coexistência de gramáticas no PB se reflete na gramática não nativa, o que confirmou nossa hipótese de que os aprendizes mais jovens seriam mais permeáveis à gramática adquirida do PB do que os aprendizes das gerações anteriores. A partir da comparação da intuição da gramática não nativa com as gramáticas do PB, vimos que no caso dos aprendizes da FE2, o maior índice de aceitabilidade do clítico, que nos remeteria ao reflexo da gramática do espanhol na gramática não nativa, seria, na realidade, o reflexo do PB aprendido.

4.2. Questões relativas à reestruturação da gramática não nativa

Observamos que conforme se eleva o nível de aprendizagem de espanhol dos aprendizes aumenta o índice de aceitabilidade do clítico e das formas de colocação que compreendem a gramática do espanhol e diminui o índice de aceitabilidade do objeto nulo, do pronome tônico e da próclise ao principal com a 1ª pessoa, que correspondem apenas à gramática do PB, embora a gramática do espanhol aceite o objeto nulo em contextos restritos. Esses resultados constituem indícios de reestruturação, o que revela o reflexo da gramática do espanhol na gramática não nativa.

No início do processo de aprendizagem do espanhol, a maior concentração das tendências da gramática do PB revelam o reflexo da gramática da LM na gramática não nativa. Entretanto, como a próclise ao auxiliar com a 1ª pessoa, que compreende apenas a gramática do espanhol, apresentou índice elevado de aceitabilidade entre os aprendizes do nível básico de aprendizagem, isso poderia constituir um indício do reflexo da gramática do espanhol na gramática não nativa desde o momento inicial de aprendizagem da língua. Assim, por ser um elemento visível, o pronome *me* poderia constituir um desencadeador de reestruturação. Além disso, observamos que no caso da próclise ao auxiliar e da ênclise ao principal com a 3ª pessoa, que correspondem à gramática das duas línguas, os índices mais elevados de aceitabilidade se concentram na gramática não nativa. Esse fato poderia constituir um indício de que quando determinado aspecto coincide entre as duas línguas, haveria a atuação tanto da gramática da LM quanto da gramática da LE desde o momento inicial de aprendizagem e a coincidência entre as duas gramáticas poderia levar a acelerar o processo de reestruturação.

Embora tenhamos encontrado evidências de reestruturação da gramática não nativa, os aprendizes do nível avançado de aprendizagem continuam aceitando o objeto nulo em casos de antecedente [+específico], bem como esses mesmos aprendizes não apresentam aceitação categórica do clítico com esse tipo de antecedente. Esses fatos evidenciam que a representação mental dos aprendizes seria apenas aparente, pois não corresponderia à de um falante nativo, e constituem indícios de que, ao contrário do que ocorre na aquisição da LM, na aquisição/aprendizagem de LE o aprendiz não capta as propriedades abstratas da LE, que refletem diferenças paramétricas entre as duas línguas.

Além disso, encontramos indícios de que a reestruturação da LE seria um processo parcial, de modo que se daria em partes da língua (LICERAS, 1997, 2002b, 2003), já que a aquisição do clítico não estaria relacionada à da próclise ao auxiliar com a 1ª pessoa.

4.3. O estatuto da gramática não nativa

Tendo em vista nossos resultados a respeito da gramática não nativa e a proposta de Kato (2005) sobre a coexistência de gramáticas no PB, propomos que a gramática não nativa compreenderia uma outra gramática que poderíamos denominar de G3. Dessa forma, assim como a gramática aprendida do PB seria uma expansão da língua-L, quando o aprendiz adquire uma LE expandiria a língua-L e isso originaria uma gramática não nativa, cujo estatuto seria o de periferia marcada. Portanto, assim como a gramática aprendida do PB ficaria ligada à adquirida, a gramática não nativa seria ligada às gramáticas da LM e a permeabilidade seria decorrente dessa ligação. Um indício de que a gramática não nativa opera tanto com a gramática da LM quanto com a gramática da LE seria o fato de que quando há um aspecto coincidente entre as duas gramáticas, como é o caso da ênclise ao principal com a 3ª pessoa, o índice de aceitabilidade se apresenta maior do que quando um dado aspecto corresponde apenas à gramática do espanhol.

5. Considerações finais

Os resultados de nossa pesquisa nos permitiram constatar que a coexistência de gramáticas no PB se reflete na gramática não nativa dos aprendizes, o que confirmou nossa hipótese de que os aprendizes das gerações mais jovens têm sua gramática não nativa mais permeável à gramática do PB adquirido. Obtivemos também indícios de reestruturação da gramática não nativa, bem como indícios dos elementos que podem atuar nesse processo. Por outro lado, observamos que apesar de haver evidências de que se processe a reestruturação da gramática não nativa, a representação mental dos aprendizes de LE não corresponderia à de um falante nativo e esse seria um processo parcial. Além disso, com base na proposta de Kato (2005) e nos nossos resultados, obtivemos indícios a respeito do estatuto da gramática não nativa do espanhol e do que possa ser a natureza da permeabilidade.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Héctor (1986): Indefinite object drop. Em: *Linguistic Inquiry*. n. 17, p. 354-359.
- CHOMSKY, Noam (1981): *Lectures on Governing and Binding*. Dordrecht: Foris.
- CYRINO, Sônia Maria Lazzarini (1993): Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. Em: Roberts, Ian & Kato, Mary.: *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, p. 163-184. Campinas - SP: Ed. da Unicamp.
- _____ (1996): O objeto nulo do português brasileiro. Em: *DELTA*, v. 12, nº 2, p. 221-238.
- DEMONTÉ, Violeta (1994): Las categorías vacías. Em: *Teoría sintáctica: De las estructuras a la rección*, 2 ed., p. 197-217. Madrid: Síntesis.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (1989): Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. Em: Tarallo, Fernando.: *Fotografias Sociolingüística*, p. 19-34. Campinas, SP: Pontes – Editora da Unicamp.
- FANJUL, Adrián Pablo (1999): Espacio de la persona en la versión portugués-español: un problema de identidad discursiva. Em: *Estudios Académicos UNIBERO*, v.10, jul-dez, p.135-154.
- FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inés (1999): Leísmo, laísmo y loísmo. Em: Bosque, Ignacio & Demonte, Violeta.: *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, p. 1317-1391. Madrid: Espasa.
- FERNÁNDEZ SORIANO, Olga (1999): El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. Em: Bosque, Ignacio & Demonte, Violeta.: *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, p. 1209-1273. Madrid: Espasa.
- GALVES, Charlotte (2001): *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas - SP: Editora da Unicamp.
- GONZÁLEZ, Neide Therezinha Maia (1994): *Cadê o pronome? O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos*. Tese de doutorado. DL/FFLCH/USP. São Paulo, inédita.
- _____ (1998): Pero ¿qué gramática es ésta? Los sujetos pronominales y los clíticos en la interlengua de brasileños adultos aprendices de Español/LE. Em: *RILCE: 14.2: Español como lengua extranjera: investigación y docencia*, p. 243-263. Pamplona: Universidad de Navarra.
- _____ (1999): Sobre a aquisição de clíticos do espanhol por falantes nativos do português. Em: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 36, p. 163-176. Campinas: UNICAMP/IEL.
- _____ (2001): La expresión de la persona en la producción de español lengua extranjera de estudiantes brasileños: perspectivas de análisis. Em: Trouche, A. L. G. & Reis, L. F.: *Hispanismo 2000*, v. 1, p. 239-256. Brasília: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte/ABH.
- _____ (2003): Lugares de interpretação do fenômeno da aquisição de línguas estrangeiras. Em: *Estudos Lingüísticos XXXIII*. Campinas (SP): UNICAMP, publicado em forma de CD Rom.
- _____ (2005): Quantas caras tem a transferência? Os clíticos no processo de aquisição/aprendizagem do Espanhol/Língua Estrangeira. Em: Bruno, Fátima

Cabral.: *Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras: reflexão e prática*, p. 53-70. S. Carlos (SP): Claraluz.

_____ (2008): Português brasileiro y español: lenguas inversamente asimétricas. Em: Celada, María Teresa.; González, Neide Maia (coord. dossier). "Gestos trazan distinciones entre la lengua española y el portugués brasileiro", *SIGNOS ELE*, diciembre, URL <http://www.salvador.edu.ar/signosele/>.

GROPPI, Mirta (1997): *Pronomes pessoais no português do Brasil e no espanhol do Uruguai*. Tese de Doutorado. FFLCH-USP. São Paulo.

KATO, Mary (2002): Pronomes fortes e fracos na sintaxe do Português Brasileiro. Em: *Revista Portuguesa de Filologia*, v. XX, p. 101-122. Coimbra, Portugal.

_____ (2005): A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. Em: Marques, M. A., et alii.: *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*, p. 131-145. Braga, CEHUM (Universidade do Minho).

LABOV, William (1994): The use of the present to explain the past. Em: *Principles of Linguistic Change*, p. 9-27. Oxford/Cambridge: Blackwell.

LICERAS, Juana Muñoz (1996): *La adquisición de las lenguas segundas y la gramática universal*. Madrid: Síntesis.

_____ (1997): The now and then of L2 growing pains. Views on the acquisition and use of a second language. Em: *EUROSLA '97. Proceedings*, p. 65-85. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.

_____ (2002): Spanish L1/L2 crossroads: can we get there from here? Em: Pérez-Leroux; Roberge, Y.: *Romance linguistics: Theory and acquisition*, p. 317-350. Amsterdam: John Benjamins.

_____ (2003): Monosyllabic place-holders in early child language and the L1/L2 'Fundamental Difference Hypothesis'. Em: Kempchinsky, P. & Piñeros, C. E. *Theory, practice and acquisition. Papers from the 6th Hispanic Linguistics Symposium and the 5th Conference on the Acquisition of Spanish and Portuguese*, p. 258-283. Somerville, Mass.: Cascadilla Press.

LIGHTFOOT, David (2006): *How new languages emerge*. New York: Cambridge.

PAGOTTO, Emilio Gozze (1993): Clíticos, mudança e seleção natural. Em: Roberts, Ian & Kato, Mary.: *Português Brasileiro. Uma viagem Diacrônica*, p. 185-206. Campinas - SP: Ed. da Unicamp.

SIMÕES, Adriana Martins (2006): *Preenchimento do objeto direto pronominal de terceira pessoa no espanhol, no português brasileiro e na produção não-nativa em espanhol de falantes do PB*. Trabalho de Graduação Individual. Área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana. DLM/FFLCH/USP (orientação: Profa. Dra. Neide T. Maia González).

_____ (2010): *Clítico, objeto nulo ou pronome tônico? Quanto e como a variação/mudança no paradigma do preenchimento pronominal do objeto acusativo de 3^a pessoa no português brasileiro se reflete na aquisição/aprendizagem do espanhol pelos aprendizes brasileiros ao longo das gerações*. 264 f. Dissertação de Mestrado. DLM/FFLCH/USP. São Paulo.

TARALLO, Fernando (1993): Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: Roberts, Ian & Kato, Mary.: *Português Brasileiro. Uma viagem Diacrônica*, p. 69- 105. Campinas - SP: Ed. da Unicamp.

YOKOTA, Rosa (2001): *A marcação do caso acusativo na interlíngua de brasileiros que estudam o espanhol*. Dissertação de Mestrado. DL/FFLCH/USP, inédita. <http://www.teses.usp.br/>

I CIPLOM

Congresso Internacional de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL
e
I Encontro Internacional de Associações de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL
Línguas, sistemas escolares e integração regional

_____ (2007): O que eu falo não se escreve. E o que eu escrevo alguém fala? A variabilidade no uso do objeto direto anafórico na produção oral e escrita de aprendizes brasileiros de espanhol. Tese de Doutorado. DLM/FFLCH/USP. São Paulo. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-06112007-114658/>